



A DANÇA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Jonimar Silva Nascimento dos Santos¹
Dinah Vasconcellos Terra²
Ricardo de Almeida Pimenta³

RESUMO

A dança é apontada na Base Nacional Comum Curricular como uma das Unidades Temáticas da Educação Física a serem vivenciadas no Ensino Fundamental. Entretanto, estudos revelam que esse é um conteúdo consideravelmente negligenciado na organização do planejamento pedagógico. O objetivo deste estudo é de apresentar um relato de experiência crítico-reflexivo sobre um plano de ação didático-pedagógica desenvolvida em uma turma de 5º ano de Ensino Fundamental utilizando a dança como conteúdo nas aulas de educação física. Para isso, foi realizada e analisada uma intervenção didático-pedagógica com a dança nas aulas, que, como método utiliza-se da pesquisa-ação e fundamenta-se nas Situações Didáticas descritas na abordagem da Educação Física Cultural. As intervenções foram realizadas com uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental. Como considerações, evidenciou-se reflexões e caminhos para o desenvolvimento da dança, considerando contextos, as dificuldades e potências desta como conteúdo possível na educação física na escola.

Palavras-chave: Dança; Educação Física; Escola.

DANCE IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: AN EXPERIENCE REPORT IN ELEMENTARY SCHOOL

ABSTRACT

Dance is presented in the National Common Curricular Base as one of the Thematic Units of Physical Education to be experienced in Elementary School. However, studies reveal that this is a largely neglected content in the organization of pedagogical planning. The aim of this study was to present a critical-reflective experience report on a didactic-pedagogical action plan developed in a 5th year elementary school class using dance as content in physical education classes. To this end, a didactic-pedagogical intervention with dance in classes was carried out and analyzed, which as a method uses action research and is based on the Didactic Situations described in the Cultural Physical Education approach. The interventions were carried out with a 5th year elementary school class. As considerations, ways and reflections for the development of dance were highlighted, considering

¹ Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF/UFRRJ) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. joni_nascimento29@yahoo.com.br

² Universidade Federal Fluminense. dvterra@id.uff.br

³ Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF/UFRRJ) Universidade Federal de Santa Catarina. ricardo.pimenta@ufsc.br

contexts, difficulties and potential of this as possible content in physical education at school.

Keywords: Dance; Physical education; School.

LA DANZA EN LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR: UN RELATO DE EXPERIENCIA EN LA ESCUELA PRIMARIA

RESUMEN

La danza se destaca en la Base Curricular Común Nacional como una de las Unidades Temáticas de la Educación Física a vivir en la Educación Primaria. Sin embargo, los estudios revelan que se trata de un contenido considerablemente descuidado en la organización de la planificación pedagógica. El objetivo de este estudio es presentar un relato de experiencia crítico-reflexivo sobre un plan de acción didáctico-pedagógico desarrollado en una clase de 5to año de Educación Primaria utilizando la danza como contenido en las clases de educación física. Para ello se realizó y analizó una intervención didáctico-pedagógica con danza en las clases, que utiliza como método la investigación acción y se fundamenta en las Situaciones Didácticas descritas en el enfoque de Educación Física Cultural. Las intervenciones se realizaron con una clase de 5to año de educación primaria. Como consideraciones, se destacaron reflexiones y caminos para el desarrollo de la danza, considerando contextos, dificultades y potencialidades de esta como posible contenido en la educación física en la escuela.

Palabras clave: Danza; Educación Física; Escuela.

INTRODUÇÃO

O componente curricular Educação Física é composto por uma gama diversificada de práticas e manifestações corporais possíveis no contexto escolar, conforme aponta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento norteador da Educação Básica no Brasil (BRASIL, 2017). Para além dessa organização normativa e documental, diversos fatores impactam nas escolhas daquilo que será de fato ensinado nas salas/quadras de aula de Educação Física ao longo do período letivo.

A dança ainda parece estar distante da Educação Física escolar e parece surgir em destaque na escola em eventos festivos, apresentações, festas culturais, formaturas e momentos semelhantes. Ela, a dança, é lembrada como possibilidade na escola em diversas situações, mas ainda é esquecida considerando a rotina das aulas de Educação Física (MOURA *et al.* 2018). Porém, assumindo a Cultura Corporal na Educação Física, é relevante afirmar que a dança tem um papel de influência na identidade da cultura de um povo. De certa forma é possível compreender traços de uma população quanto a sua história e cultura a partir das suas danças e tradições, conforme apontam Gariba e Franzoni (2007), quando afirmam que o conhecimento de si e da dança perpassa pela necessidade de conhecer sua

própria história e as manifestações culturais de seu povo. Nesse sentido, a dança atinge acontecimentos da própria vida, da saúde, da religião, da morte, também permeando os caminhos terapêuticos, artísticos e educacionais, estabelecendo assim, uma diversidade interessante para essa manifestação. “Dessa forma, a dança se insere no universo cultural, expressando significados, simbolizando a existência humana”. (GARIBA; FRANZONI, 2007, p.156).

A Educação Física é um componente curricular situado na área de Linguagens e suas Tecnologias, conforme apresentado na BNCC (BRASIL, 2017). Nessa compreensão, Moura *et al.* (2018) apontam que a dança, por estar presente em manifestações sociais e culturais diversas e por ser também um instrumento de comunicação e expressão através da linguagem corporal, tem por função na escola a formação de sujeitos críticos e autônomos. Nesse sentido, a autonomia e a criticidade fazem parte de uma ideia que valoriza a capacidade do aluno de ler a realidade social, compreender seu próprio contexto e a partir disso transformá-lo, gerando assim novas práticas. Portanto, o ensino da dança não deve se propor apenas a uma reprodução de gestos, movimentos e técnicas, mas sim de gerar, compreensões, reflexões e produções de práticas que dialoguem com as demandas, desejos e interesses dos estudantes em um contexto próprio, pois a conexão do ensino da dança na escola com aquilo que faz sentido para aquela comunidade é essencial, inclusive para que possam recriar, inovar e produzir novas práticas a partir da criatividade e expressividade.

A partir destas reflexões, o objetivo deste estudo é apresentar um relato de experiência crítico-reflexivo sobre um plano de ação didático-pedagógica desenvolvida em uma turma de 5º ano de Ensino Fundamental, considerando a dança como conteúdo nas aulas de Educação Física.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de um relato de experiência a partir da aplicação e análise de um plano didático pedagógico, caracterizado como pesquisa-ação, considerando o envolvimento do pesquisador e dos grupos interessados em diversos momentos e etapas da pesquisa (GIL, 2002).

O projeto foi desenvolvido com o 5º ano nas aulas do professor-pesquisador, na Escola Municipal Do Catumbi, no Rio de Janeiro/RJ. A escola atende o 1º segmento do Ensino Fundamental (do 1º ao 5º ano) e conta com 6 turmas, totalizando 185 alunos

matriculados. A unidade de ensino está entre as escolas chamadas “Escolas de Turno Único”. Em virtude desse sistema, a matriz curricular prevê que as turmas tenham 3 tempos semanais de Educação Física, sendo 50 minutos cada. Além das aulas de Educação Física, os alunos ainda dispõem de 2 tempos de língua inglesa, 2 tempos de música e outras atividades extras como Sala de leitura e Xadrez.

A proposta do trabalho com a dança, para além das argumentações trazidas acerca da sua relação com o histórico-cultural brasileiro e os sua relevância no currículo escolar, justifica-se também pela marcante presença nos documentos curriculares de orientação da prática pedagógica na rede municipal de Educação do município do Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO, 2016). A unidade temática “dança” consta no currículo municipal do Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO, 2020) e foi desenvolvida de acordo com a ideia de “situações didáticas” da Educação Física Cultural (NEIRA, 2016), que explora itens específicos no processo de construção, desenvolvimento e apropriação do conhecimento.

A pesquisa foi aprovada em Comitê de Ética em Pesquisa (protocolo nº 71710123.0.0000.0311).

A seguir é apresentada a organização didática do projeto de intervenção. Optou-se por deixar o quadro com o planejamento didático das intervenções, que, com o decorrer das aulas, foi alterado dentro dos desdobramentos de cada momento, a partir do cotidiano escolar e das possibilidades e problemáticas do contexto. Entendemos o currículo e o planejamento das ações pedagógicas como algo vivo, que deve estar atento e flexível às reações dos estudantes (FUZII; SOUZA NETO; BENITES, 2009).

Quadro 1 – Descrição da proposta pedagógica

	Descrição	Observações
Primeiro momento	<p>No primeiro momento será feito o mapeamento, que é, basicamente, compreender os interesses da turma e da comunidade escolar, dentro da temática “dança”, como por exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Estilos conhecidos e preferidos;</i> - <i>A relação da dança com a música,</i> - <i>Identificação dos tipos de dança mais comuns na região.</i> <p>As informações serão extraídas a partir de uma conversa com os alunos e com a realização de uma pesquisa com as famílias. A turma terá como tarefa colher informações com os responsáveis sobre os estilos de dança</p>	<p>É importante lembrar que são 3 tempos de aula, com 50 minutos cada, organizados em 2 encontros por semana. Um encontro de 1 tempo em um dia, e um encontro de 2 tempos em outro dia.</p>

	<p>mais comuns quando eram mais jovens.</p> <p>Nesse momento serão feitas também abordagens referentes à <i>vivência</i> e a <i>leitura da prática corporal</i>, dentro das situações didáticas. Ao final do primeiro momento teremos um espaço para a <i>problematização</i>. Ou seja, daremos ênfase aos questionamentos, dúvidas e inquietações que possam surgir durante as primeiras aulas da intervenção. O objetivo é dar corpo às discussões para que ganhem mais qualidade no momento seguinte.</p>	
Segundo momento	<p>No segundo momento a intervenção terá continuidade com a <i>ressignificação, aprofundamento e ampliação</i>, de acordo com as situações didáticas. Nessa fase, o objetivo é construir pontes para outras dimensões referentes ao que envolve o ensino da dança na escola e os possíveis diálogos com diferentes temáticas sociais. Toda essa construção parte daquilo que foi apresentado pelos alunos no primeiro momento.</p>	
Terceiro momento	<p>No terceiro momento destacam-se o <i>registro</i> e a <i>avaliação</i> da produção desenvolvida pela turma ao longo das 4 semanas anteriores. Esse será um período de reflexões acerca das aprendizagens, registros em variados formatos e de avaliação da turma a partir de uma experiência de dança. O objetivo é concluirmos esse período expandindo a visão acerca do lugar da dança na escola, na vida de cada aluno e na sociedade. Compreendendo a fase de maturação de uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental, a ideia é propor reflexões e vivências relevantes.</p> <p>Para concluir a fase de intervenção, será feita a proposta da gravação de um podcast que apresente a relevância das vivências com a dança nas aulas de Educação Física na perspectiva dos estudantes.</p>	<p>Entendemos que registro e avaliação caminham juntos, e acontecem ao longo do processo. Porém, consideramos também como importante a ênfase nessas ações a fim de que os alunos percebam bem a relevância do processo.</p> <p>O podcast aparece como uma possibilidade, considerando que alguns alunos da referida turma compõem o grêmio estudantil, que tem proposto a realização de podcasts para apresentar e debater diferentes temas da escola.</p>

Fonte: os autores

PROJETO DE INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

O projeto de intervenção teve por base metodológica as situações didáticas, conforme dispõe a “Educação Física Cultural” (NEIRA, 2016; 2019). As situações didáticas são compostas pelo que poderíamos chamar de passos (mesmo que esses não representem necessariamente uma sequência ou uma receita). Cada passo expressa uma intencionalidade pedagógica que se move no objetivo de proporcionar uma progressão do processo de ensino-aprendizagem de modo que, nesse processo, o aluno seja considerado como parte importante, respeitando aquilo que os alunos, dentro do seu contexto, trazem como significado de valor e de vivência.

A Educação Física Cultural, em aproximação com os princípios de Freire (2005) explica bem essa relação. Ao aproximar do contexto estamos reconhecendo conhecimento, valores, costumes, etc, e, além disso, possibilitando o surgimento de problematizações e ressignificações. Nesse diálogo Neira (2019) propõem que:

A descolonização do currículo viabiliza um leque de oportunidades “diferentes”, proporcionando a participação equitativa das múltiplas identidades, aspecto central de escola comprometida com a apropriação crítica da cultura corporal por parte de todos os seus frequentadores. (NEIRA, 2019, p. 106)

Nesse sentido, o fato de não dominar a dança faz com que haja maior conforto para o desenvolvimento do trabalho a partir de uma metodologia não específica da dança, nem de outra unidade temática. As situações didáticas podem ser aplicadas a qualquer conteúdo da Educação Física, considerando que é possível desenvolver um conhecimento em associação entre as propostas docentes e as experiências e expectativas discentes.

É importante pontuar que durante o período de intervenção didático-pedagógica algumas aulas aconteceram sem que fosse possível colocar em prática a proposta de intervenção com a dança. Sendo assim, os 06 encontros descritos não aconteceram de maneira sequenciada e consecutiva. Em alguns encontros nos intervalos dos que estão relatados, não foi possível executar o planejamento. Ora pela dificuldade com o espaço na aula que aconteceria na sala de atividades, ora pela agitação incomum da turma que interferiu no aspecto disciplinar e, conseqüentemente, inviabilizou a realização da aula.

Aula 1 - (1 tempo de aula⁴) Para iniciar o professor fez a seguinte pergunta: “O que

⁴ A grade de horários é organizada por períodos de aulas que duram 50 minutos cada. É o que chamamos de “tempo de aula”.

vem à mente de vocês quando escutam a palavra ‘dança’?”. A partir dessa pergunta os alunos deram o retorno daquilo que pensam. Vieram então várias falas interessantes a partir das associações que os alunos fazem com a palavra em questão, como por exemplo: música, ritmo, coreografia, dança de aplicativo, cultura, diversidade, arte, dança como forma de expressão, entre outras. Houve nessa aula o desdobramento de diferentes visões acerca do que é dança. Não do conceito da dança, mas do que vem à mente dos alunos quando falamos em dança. Foram apresentados também pela turma conceitos na ideia daquilo que podemos considerar mais técnico, como alguns estilos de dança, por exemplo, a valsa, coreografias. Assim como foram apresentadas ideias em âmbito mais abrangente, como a arte, a cultura, a diversidade e o entendimento da dança no sentido da expressão dos sentimentos.

A troca com a turma e a escuta sensível sobre o que eles traziam para aquele momento resultaram em uma avaliação positiva sobre o quanto é plural o entendimento sobre a dança. Não houve um padrão ou homogeneidade nas opiniões. A proposta para essa aula pauta-se no que Neira (2016) vai chamar de mapeamento, termo trazido na Educação Física Cultural. “Mapear significa identificar quais práticas corporais estão disponíveis aos alunos bem como aquelas que, mesmo não compondo suas vivências, encontram-se no entorno da escola ou no universo cultural mais amplo.” (NEIRA, 2016, p.13). Nesse sentido, os alunos trouxeram suas visões a partir do que conhecem e/ou vivenciam, ou seja, de alguma forma aquele conhecimento compartilhado faz parte do universo dos estudantes.

Faz-se necessário aqui sinalizar que a escola foco desse projeto de intervenção, tem um envolvimento com uma parceira da comunidade escolar, que é amiga da escola e está sempre presente na escola desenvolvendo eventos. Essa parceria sempre se reforça e intensifica no momento da festa junina e da formatura do 5º ano com as danças da quadrilha e na apresentação que a turma do 5º ano, os formandos, fazem para os responsáveis no dia da formatura. Então esse envolvimento estava em plena atividade no período da intervenção devido aos ensaios e reuniões para organização da apresentação de final de ano. Sendo assim, a expectativa dos alunos para as aulas de Educação Física estava mais ligada às atividades pertencentes às outras unidades temáticas, assim como vínhamos desenvolvendo ao decorrer do ano letivo. De alguma forma, no entendimento dos alunos, com esses marcos festivos, a dança já estava sendo contemplada. Então trazê-la como foco gerou alguns posicionamentos contrários pelo entendimento de que já estavam trabalhando a dança.

Dado esse contexto, foi feita a opção de que a dança fosse introduzida sem grandes

rupturas com o que estávamos desenvolvendo nas aulas de Educação Física, e assim a primeira atividade prática com a dança foi proposta da seguinte maneira: a turma foi estimulada a praticar um jogo já conhecido em suas diversas variações, o jogo do “Queimado”, mas, antes disso, as duas equipes deveriam pensar em uma música para que dançassem livremente ou em formato de coreografia após o jogo. A dança deveria ser feita pelos dois grupos independentemente de vitória ou derrota no jogo. Essa proposta inclusive gerou brincadeiras no sentido de que era importante pensar bem em qual seria a música escolhida porque quem perdesse o jogo deveria dançar na mesma euforia e animação da equipe vencedora.

A espontaneidade do brincar e movimentar são importantes no ensino da dança. É possível que a dança também seja utilizada como ferramenta para o alcance de objetivos voltados ao lúdico (KROPENISCKI; KUNS, 2020). Cientes de que o lúdico e o espontâneo, segundo Marques (2016), não devam ser focos principais das propostas com a dança na escola também pelo fato de haver saber específico nessa unidade temática, a opção em utilizar a dança no formato descrito deu-se por uma série de fatores referentes ao contexto do universo da intervenção didático-pedagógica.

Feita a atividade, a turma colocou em prática o combinado. A dança foi vivenciada como recurso para a comemoração da equipe vencedora do jogo. Para a equipe que perdeu o jogo, foi um momento de descontração e brincadeira, diferente do clima de chateação e provocação que geralmente acontece ao desenvolvermos alguma atividade competitiva. As escolhas das músicas foram feitas a partir daquilo que os alunos já conhecem e já dançam, então a proposta se desenvolveu de maneira natural, inclusive deixou mais leve e acessível a introdução do tema dança.

Aula 2 - (2 tempos de aula) A proposta se desenvolveu da seguinte forma: a turma ficou na sala de aula e nós iniciamos uma conversa acerca da relação existente entre ritmo, música e dança. A turma foi estimulada a pensar sobre o que compõe a dança. Então os alunos pontuaram a música. Ao citarem a música, os alunos foram provocados a pensarem sobre um elemento que poderia vir ainda antes da música na relação com a dança. Então a turma falou sobre o ritmo. A partir de então abordamos diversos pontos, por exemplo, sobre onde é possível a percepção de um ritmo, para além da música. Os alunos citaram a marcha, a fala, os ponteiros do relógio, o coração na sua pulsação, entre outros. O interessante é que o tema ritmo, que em teoria não tinha relação com frequência cardíaca trouxe vários desdobramentos

no processo de reflexão com a turma sobre esse tema. A forma como atraímos a atenção de quem ouve, por vezes, também está relacionada ao ritmo e entonação da fala. Nas entrelinhas, esses parênteses também contribuíram para uma sensibilização quanto a uma aluna com disfemia (distúrbio que se apresenta característico a partir de interrupções na fluência verbal). Observamos que em tudo as pessoas imprimem ritmos diferentes e que essas são características importantes que devemos respeitar nas pessoas.

Brasileiro e Souza (2019) falam sobre as possibilidades de abrangência com outros assuntos a partir do tema dança a partir de conhecimentos ligados a diferentes áreas. Nessa experiência com a turma foi possível “viajar” por áreas que inicialmente pareciam não ter relação com a dança, mas através da reflexão enxergamos as conexões relevantes.

Mapear também tem o sentido de reconhecer os conhecimentos que os alunos possuem sobre uma determinada prática corporal. Não há um padrão ou roteiro obrigatório a ser seguido; durante o mapeamento, os professores empreendem variadas atividades: contato direto com as turmas, pesquisa do entorno, conversa aberta com os alunos etc. As informações recolhidas constituem-se em elementos fundamentais para dimensionar o tema de estudo e as possibilidades pedagógicas que o mesmo apresenta. (NEIRA, 2019, p.59)

Então, nesse processo reflexivo na introdução acerca do que é ritmo a turma compreendeu tanto a importância do ritmo quanto a identificá-lo em diferentes contextos do cotidiano, no sentido de organização e estruturação de uma determinada sequência, e, conseqüentemente, na Educação Física e na dança.

A vivência, a leitura e a ressignificação são partes das situações didáticas trazidas por Neira (2019). Elas acontecem simultaneamente no processo de aprendizagem. Embora nesse momento ainda não tivessem acontecido especificamente com a dança, os alunos vivenciaram uma experiência individual e coletiva acerca do ritmo, fizeram a leitura a partir das demonstrações e explicações tanto do professor quanto dos próprios colegas e puderam ressignificar ideias e conceitos a partir das experiências e das novas informações sobre o tema, o que certamente contribuiu para a sequência das aulas sobre a dança.

O ponto alto dessa aula foi a revelação de que um dos alunos da turma é baterista, e ele tem a noção teórica do ritmo, dos compassos, dos tempos... Ele falou um pouco sobre as notas, colcheia, semicolcheia, mínima, semínima... ele deu uma aula sobre os tempos, a quantidade de batidas dentro de um compasso, a questão da marcação dos tempos... Enfim, foi um nível de envolvimento e protagonismo que trouxe riqueza à aula pelo fato de que o aprofundamento dos apontamentos se deu pela participação e contribuição dos próprios

alunos. As discussões propostas pelo professor, produziram aprofundamentos por parte dos alunos em função do engajamento deste nas atividades. Nessa aula em que a proposta pedagógica foi abordar ritmo na ideia de progressão para a música e para a dança, esse caminho pedagógico se mostrou interessante e positivo, pois simplificou a abordagem e propiciou a participação de toda a turma. Vários alunos foram expoentes na aula de maneira a contribuir para o alcance do que era a proposta inicial.

Aula 3 - (2 tempos de aula). Nesta aula buscamos introduzir uma ideia de ritmo com movimentos sincronizados dentro de uma música. Essa aula aconteceu no pátio, onde acontecem as aulas de Educação Física, visto que a escola não possui quadra. A turma ficou organizada em blocos de maneira que conseguíssemos fazer movimentos para as quatro direções (frente, atrás, direita e esquerda). Dentro das marcações de cada tempo em um compasso quaternário (que é formado pelo conjunto de 4 tempos) os alunos faziam as mudanças de direção. Dentro dessa proposta, toda a turma conseguiu entrar no ritmo da movimentação e das mudanças de direção e velocidade, inclusive com variações, a partir dos comandos, dos mais simples aos mais complexos. Os comandos tinham relação com os ritmos. Sendo assim, a movimentação ganhava dinamismo e velocidade de acordo com o estilo da música tocada. Nas músicas com ritmo mais lento era possível a inserção de gestos, gingados e poses entre os tempos. Basicamente, na contagem de 1 a 4, dentro do tempo da música, os alunos faziam uma movimentação uniforme para quatro direções até retornarem a posição inicial (frente, direita, atrás, esquerda). Em alguns momentos esses tempos de contagem foram dobrados, permitindo que os gestos adicionais fossem executados entre as mudanças de direção. Então toda a reflexão acerca das questões rítmicas ganhava vida durante essa atividade com a expressão do corpo em movimento. Nesse ponto, Neira (2018) fala sobre o compartilhamento de sentidos e significados no interesse de que as aprendizagens e vivências tenham relevância para os estudantes.

Na experiência dessa aula, embora cada um do seu jeito e à sua maneira, todos participaram da movimentação dentro do ritmo e ao som de uma música. A resposta foi positiva e a consolidação final da proposta da aula, ainda que não tenha sido explicitada em termos técnicos, como por exemplo uma coreografia, foi percebida ali a execução de uma dança, compreendida também no processo das situações didáticas enquanto vivência.

Aula 4 - (1 tempo de aula). Na aula seguinte a proposta foi um pouco diferente. Os alunos da turma se organizaram em duplas e cada um da dupla deveria se expressar

corporalmente na atividade que chamamos de “Mímica musical”. Nessa brincadeira um aluno da dupla deveria escolher uma música e fazer uma dança que a representasse sem revelar qual era a música e sem a utilização de áudio para que o colega pudesse acertar qual era a música representada. E o desenvolvimento da atividade foi muito interessante porque os alunos fizeram desde reproduções coreográficas, que facilitavam a descoberta, até gestos corporais que remetiam à ideia de uma música, o que deixava a descoberta mais difícil. Não houve uma limitação sobre como deveria ser o movimento, foi de acordo com o entendimento de cada aluno. Fato é que os alunos, dentro de suas características, se expressaram pensando e reproduzindo gestos relativos à música e os colegas que assistiam tentando acertar precisavam fazer a leitura corporal e buscar na imaginação qual poderia ser a música representada pelo colega. Foi uma experiência interessante, inclusive no final da aula foi possível reproduzir em áudio algumas das músicas escolhidas pelos alunos, o que proporcionou um momento de descontração com eles. Conforme a BNCC (2017):

As danças podem ser realizadas de forma individual, em duplas ou em grupos, sendo essas duas últimas as formas mais comuns. Diferentes de outras práticas corporais rítmico-expressivas, elas se desenvolvem em codificações particulares, historicamente constituídas, que permitem identificar movimentos e ritmos musicais peculiares associados a cada uma delas (BRASIL, 2017, p.218).

Neira (2020) discorre sobre a relação entre o corpo e o movimento, sendo o corpo a forma de agir e manifestar no mundo, e o movimento a maneira como esse corpo se expressa pelas suas emoções e pensamentos. Houve ainda na vivência relatada o envolvimento entre os alunos a partir da observação que precisavam fazer um dos outros, retomando o que diz Nanni (1989) sobre a dança ser um processo cultural individual, mas também um fenômeno social.

Aula 5 - (2 tempos de aula). Nessa aula a proposta foi a seguinte: o professor perguntou para a turma qual seria o estilo musical preferido, caso eles pudessem escolher um para dançar, e porquê. Então os alunos registraram as respostas e as justificativas em uma folha.

Essa proposta de aula mostrou a diversidade de visões dentro da turma, de gostos na maneira como percebem e são afetados pela dança em suas diversas possibilidades. A fruição é uma das dimensões do conhecimento trazidas na BNCC e indica a importância do prazer no sentido de que o processo de aprendizagem também é facilitado quando o aluno aprecia e desfruta da vivência (BRASIL, 2017).

Na sequência, ainda na aula 5, a proposta foi um pouco parecida com a do dia da mímica musical, porém, dessa vez, o objetivo foi formar grupos para que cada um deles fizesse a coreografia de uma música que os próprios componentes escolhessem, mas essa música não deveria ser revelada para os outros colegas dos outros grupos, porque eles deveriam identificar a música. A turma foi dividida em quatro grupos e fizeram a coreografia, a dança ou os movimentos referentes àquela música para que os colegas acertassem. Um dos pontos interessantes dessa proposta foi que eles precisaram trabalhar e discutir coletivamente, diferentemente da primeira atividade da mímica musical onde as ações para escolha da música e para a representação corporal eram individuais. Dessa vez as decisões, tanto sobre o estilo, a música e a definição dos movimentos, deveriam ser tomadas coletivamente.

As crianças têm interesses diversos e, a partir daí, só o movimento de tomada de decisão coletiva já seria um ganho. A intenção era que elas entendessem que para terem êxito na atividade seria importante o exercício da construção coletiva porque o objetivo era desenvolver movimentos que facilitassem o entendimento dos outros alunos que estavam assistindo. Não era interessante fazer movimentos descoordenados que ninguém entenderia. Então a compreensão sobre a construção do processo coletivo, a partir da ideia de expressão corporal pela dança marcou uma aprendizagem interessante. Além disso, o estímulo ao processo criativo vivenciado nessa experiência com os alunos se mostra bastante relevante no trabalho com a dança. Isso é indicado por Marques (1999) ao colocar sua preocupação com o distanciamento entre a teoria e a prática na fase de formação nos cursos de licenciatura, o que acaba por gerar prejuízos no tocante ao desenvolvimento da criatividade, criticidade e consciência no ensino básico.

Um ponto interessante a ser destacado nesse relato é que a dificuldade de inserção dos meninos nas aulas que têm a dança como conteúdo é frequentemente sinalizada nos trabalhos acadêmicos que tratam do assunto dança nas aulas de Educação Física (BRASILEIRO; SOUZA, 2019). Entretanto, no caso desse projeto de intervenção, as questões ligadas ao gênero, sobretudo no posicionamento dos meninos diante das propostas para as aulas, sempre foram tranquilas. A dança não foi tratada pelos meninos como atividade de menina. O discurso e a compreensão do desenvolvimento do tema sempre abrangeram a turma de maneira igualitária.

Uma percepção particular é que as danças de *Tik Tok* (aplicativo para criação e compartilhamento de vídeos de curta duração) parecem extrapolar essas questões de gênero.

É comum ver também os meninos fazendo gestos e coreografias das danças disseminadas nesse aplicativo. Como lidamos com uma geração bastante tecnológica e antenada nas tendências, parece que, no que se refere às danças mais “viralizadas”, como se diz na internet sobre algo que repercute intensa e rapidamente, esse demonstra ser um tipo de conteúdo que os meninos também consomem bastante. Isso pode estar produzindo interferência na aceitação do conteúdo dança nas aulas de Educação Física.

Durante as aulas todas as atividades e jogos estavam relacionados com a execução de danças. A turma compreendeu que a música e a dança fariam parte das nossas aulas durante aquele período. Então, para além das atividades em que a movimentação pela dança era uma finalidade em si, as aulas desse período eram como um filme com trilha sonora. Praticamente tudo acontecia ao som de uma música e as movimentações dançantes em atividades comuns da Educação Física eram recorrentes.

Aula 6 - (2 tempos de aula). Nessa oportunidade, retomamos a ideia de movimentação em bloco de maneira coletiva em uma dança envolvendo toda a turma. Aproveitamos o grande envolvimento de boa parte dos alunos com os movimentos relacionados às festas tradicionais que ocorrem nos meses de junho e julho e fizemos as movimentações no compasso quaternário no ritmo das músicas de festa junina. Assim os alunos puderam se movimentar dançando e reproduzindo passos característicos dessa dança. Na comparação com a aula 3, em que os alunos realizaram as movimentações com passos mais marcados, a aula 6, embora todos fizessem movimentos nas mesmas direções, de acordo com a marcação do tempo, os passos foram mais dançados e soltos, considerando que os ritmos aproximados aos embalos das festas juninas também são muito disseminados na comunidade escolar.

Os passos seguintes, que não foram contemplados nessa experiência de 6 aulas dizem respeito a outras situações didáticas com o aprofundamento e ampliação e o registro. (NEIRA, 2018).

Podcast - Proposta de avaliação do projeto de intervenção: A realização de um podcast se deu pela necessidade de haver uma avaliação do projeto de intervenção, assim como está previsto nas situações didáticas (NEIRA, 2016). Assim, seria interessante pensar em um modo de avaliação que pudesse realmente contemplar a compreensão da turma sobre o processo vivenciado com a dança e que acontecesse de uma maneira leve e agradável, como a dança sugere que as coisas sejam. A ideia da dança considerada como “leve e agradável” serviu de base para a implementação e como um indicativo para pensar o caminho de

avaliação do projeto vivenciado no período indicado no contexto da pesquisa, conforme destacado por Nanni (1989), a dança mais natural possível, associada à necessidade humana de comunicação e expressão a partir do movimento. Entretanto, a autora ressalta que a dança não deve ser considerada um pacote único, mas sim, os diferentes formatos nos quais são apresentadas e vivenciadas.

A partir destas reflexões, veio à lembrança que o Grêmio Estudantil propôs ao longo do ano, a realização de *podcasts* para debates de temas relevantes ao contexto escolar com diferentes personagens da escola. Assim, para finalizar o projeto de intervenção, pensou-se que seria bastante positivo aproveitar a ideia dos próprios alunos, considerando que a maior parte dos que participam da diretoria do Grêmio Estudantil é do 5º ano.

A gravação do *podcast* permitiu aos estudantes falarem de maneira aberta e contemplativa sobre a dança, compartilhar os processos vivenciados, assim como elaborar perguntas para os colegas. Além de avaliar o processo das aulas com a dança, conforme era a proposta, também foi possível abordar novas situações e perceber novas aprendizagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo mostra que é possível trabalhar a dança nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental a partir de fundamentações teóricas e metodologias que se apliquem no contexto da intervenção. Espera-se contribuir para um processo de construção da segurança docente na atuação com a dança, a partir da indicação de um caminho metodológico para o ensino da dança nas aulas de Educação Física, no Ensino Fundamental, mesmo longe da pretensão de sugerir um material como solução para o ensino da dança na escola. O trabalho aqui apresentado espera contemplar um caminho possível para trazer as danças associadas ao contexto dos estudantes e as ampliações possíveis do conhecimento e de repertório, ressaltando ainda o contexto cultural e as reflexões sobre temas socialmente relevantes que surgem dessa abordagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRASILEIRO, Livia Tenorio; SOUZA, Ana Aparecida Almeida de. Saberes docentes de professoras de Educação Física sobre o conteúdo dança. **Motrivivência**, v. 31, n. 59, 2019.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FUZII, Fábio Tomio; SOUZA NETO, Samuel de; BENITES, Larissa Cerignoni. Teoria da formação e avaliação no currículo de educação física. **Motriz. Revista de Educação Física. UNESP**, v.15, 1.1, p. 13-24, 2009.
- GARIBA, Chames Maria Stalliviere; FRANZONI, Ana. Dança escolar: uma possibilidade na Educação Física. **Movimento**, v. 13, n. 2, p. 155-171, 2007.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Editora Atlas SA, 2002.
- KROPENISCKI, Fernanda Battagli; KUNZ, Elenor. Dança: caminho de possíveis (re) encontros com o brincar e se-movimentar. **Movimento**, v. 26, p. e26089, 2020.
- MARQUES, Isabel A. Ensino de dança hoje: textos e contextos. Cortez, 1999.
- MARQUES, Janote Pires. A “observação participante” na pesquisa de campo em Educação. **Educação em Foco**, v. 19, n. 28, p. 263-284, 2016.
- MOURA, Diego Luz et al. Princípios metodológicos aplicados à dança. *In* MOURA, Diego Luz et al. **Dialogando sobre o ensino da Educação Física: dança na escola**. Curitiba: CRV, v. 6, 2018.
- NANNI, Dionísia. A dança como veículo de expressão e comunicação: uma visão holística. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 3, n. 1, p. 41-45, 1989.
- NEIRA, M. G. **Educação Física cultural: inspiração e prática pedagógica**. 2. ed. Paco Editorial. 2019.
- NEIRA, Marcos Garcia. Educação Física cultural: carta de navegação. **Arquivos em Movimento**, v. 12, n. 2, p. 82-103, 2018.
- NEIRA, Marcos Garcia. Os conteúdos no currículo cultural da educação física e a valorização das diferenças: análises da prática pedagógica. **e-Curriculum**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 827-846, 2020.
- RIO DE JANEIRO. **Educação Física - Currículo**. Rio de Janeiro, 2020.
- RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. **Revisitando as Orientações de Educação Física: documento teórico-metodológico**. Rio de Janeiro, 2016.